

Cooperação universitária: uma proposta de paradigma para uma internacionalização igualitária

Ana Beatriz Santana Andrade¹

O livro "Fórum latino-americano de educação superior" é fruto do evento realizado em 2014, na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, reunindo reitores e dirigentes de universidades da região. Possui 367 páginas e está estruturado em treze capítulos, agrupados em cinco seções que abordam desafios e projeções da internacionalização do ensino superior, em nível de graduação, numa perspectiva de democratização dessa prática. No total, a obra comporta treze textos num debate de entendimento e busca de uma democratização da internacionalização do ensino.

A obra nos leva a um olhar crítico acerca da evolução desse processo de internacionalização, com início na Idade Média, quando um grande fluxo de professores e pesquisadores partia rumo ao continente europeu em busca de conhecimentos. Já nos séculos XIX e XX, torna-se uma prática comum para uma elite privilegiada, partindo rumo aos países colonizadores, como o próprio livro denomina. Já nos anos cinquenta e sessenta, bem como nos anos noventa do século XX, programas de incentivo à internacionalização, como, respectivamente, o da Comissão Fulbrighth, dos estados Unidos, e o "Erasmus Mundus" da União Europeia surgem com a proposta de colaboração entre instituições de nível superior. Como consequência, muitos professores obtiveram seus títulos de doutores no exterior, uma vez que as cooperações entre instituições focavam na pós-graduação e em projetos de pesquisa.

Por sua vez, a graduação foi ganhando força ao longo dos anos, e surge, então, o Programa Ciência sem Fronteiras, em 2011, num estímulo à presença de estudantes brasileiros em instituições de ensino superior estrangeiras. A Associação Internacional de Universidades (criada em 1950) realizou, no mesmo ano da realização do Fórum, em 2014, um estudo acerca da cooperação interuniversitária entre 1336 instituições de 131 países, que mostrou dois importantes aspectos a serem considerados: o primeiro, a observância de que as oportunidades internacionais eram exclusividade de alunos com melhores recursos financeiros; em segundo, apontou como principal risco a mercantilização da educação. Uma prática apresentada logo no início do livro e debatida ao longo dele. Ainda nesse estudo, constatou-se que metade das instituições que responderam à pesquisa possuem, internamente, sua política e estratégia de internacionalização. A importância da cooperação entre instituições é apresentada como um importante caminho para uma efetiva política de internacionalização. Essa cooperação, aliada à valorização de um intercâmbio com países próximos tanto geograficamente quanto em relação à linguagem e cultura, possibilita a democratização dessa política.

O foco dessa proposta de internacionalização através de uma rede de cooperações universitárias entre os países latino-americanos baseia-se no fato de que o desenvolvimento econômico e social desses países refletiu numa integração de políticas e programas de desenvolvimento, com o papel fundamental da educação. A

COOPERAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UMA PROPOSTA DE PARADIGMA PARA UMA INTERNACIONALIZAÇÃO IGUALITÁRIA

ANA BEATRIZ SANTANA ANDRADE

preocupação que norteia as reflexões e perspectivas apresentadas está na importância da integração para uma equidade que perdure sem interesses comerciais. A repetição da expressão “mercantilização da educação” ao longo dos capítulos, acaba nos dando a nítida sensação de um “pedido de socorro” e atenção para o que seria um paradigma a ser seguido pelos países latino-americanos e caribenhos: a necessidade da construção de uma agenda em ciência, tecnologia e inovação a ser compartilhada, de forma a dar atenção às amplas demandas sociais, afirmando que há quatro desafios para o século XXI: o nacional, o regional e o universal. Ou seja, uma integração das demandas sociais, a fim de que a cooperação entre as instituições, no processo de internacionalização, aconteça de forma a suprir demandas sociais. Como consequência, teríamos a diminuição do número de alunos que não regressam, ou até mesmo voltam aos seus países, mas não encontram a estrutura necessária para colocar em prática toda a vivência adquirida. A cada leitura de capítulo, vemos essa necessidade de cooperação como sendo um olhar para um futuro imprevisível, mas que, com certeza, como descrito na obra, terá um crescimento maior de universidades nos próximos trinta anos do que nos últimos trezentos. E esse crescimento, expresso além dos números de ingressos, deve ser olhado pela perspectiva de integração de culturas.

O caso do multiculturalismo do Brasil foi apresentado no capítulo VIII. Um país formado por diferentes etnias e culturas, lutando por uma educação superior justa e igualitária. O texto cita, também, a situação dos povos indígenas e afrodescendentes, que não reivindicam uma “educação própria”, e sim uma integração de culturas, onde haja a valorização das contribuições das diferentes culturas que formam o Brasil. Surgem as políticas de ações afirmativas e sua perspectiva de integração. O papel do Estado, das autoridades públicas, é inserido no contexto de cooperação, como sendo, também, responsáveis por fazer emergir políticas públicas de acesso e permanência ao ensino superior, bem como de internacionalização. Como exemplo, menciona-se o ENEM e o SISU, numa perspectiva de proporcionar a mobilidade do aluno em concorrer a um curso de graduação em uma universidade fora de seu estado, sem que, para isso, se desloque para a realização das provas; bem como a política de ações afirmativas, que visa uma equidade de direitos no acesso e permanência de todas as classes sociais na educação superior.

Por fim, apresenta-se uma reflexão acerca do que foi discutido e feito desde a Conferência Nacional da Educação Superior, realizada em Paris, em 1998, com a retomada das ideias em 2008 com a conferência Regional para a Educação Superior para América Latina e Caribe, em Cartagena. O que se almejava em 1998, o que se tinha em 2008 e o que pôde ser analisado e proposto naquele Fórum realizado em 2014, que culminou neste livro.

Esta obra nos leva, sem dúvidas, a enxergar o processo de internacionalização da educação superior através de uma perspectiva histórica e democrática. Entendê-la não como um privilégio de uma elite, mas como uma consequência da busca pelo conhecimento com a valorização do individual num contexto geral. Entender cada cultura como uma rica fonte de conhecimento. Um convite a estudantes e professores da educação superior a olhar de forma crítica para o processo de internacionalização da educação superior no Brasil e países latino-americanos.

COOPERAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UMA PROPOSTA DE PARADIGMA PARA UMA INTERNACIONALIZAÇÃO IGUALITÁRIA

ANA BEATRIZ SANTANA ANDRADE

¹ Secretária Executiva da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Letras Português / Inglês. Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. E-mail: anabeatriz.ufs@gmail.com

Referência

MOROSINI, Marília (Org.). *Fórum latino-americano de educação superior*. São Carlos: Pixel, 2015.